Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular **Class.:**

Data: 09.03.83 **Pg.:**

Viabiliza-se entendimento Funai-índios

Pode se concretizar hoje a paz entre os krahós, apinayés, carajás e xerentes e a direção central da Funai, em Araguaína. Os índios, em pé de guerra desde sexta-feira, exigem a retirada da Ajudância de vários funcionários e os enviados de Brasília, com quem mantinham contato ontem, pareciam dispostos a atendê-los. Os servidores acusados, inclusive, já sairam de Araguaína.

Ontem cedo, uma centena de silvícolas já havia se dirigido para Araguaína e à tarde eram esperados mais 20 xerentes, 15 apinayés e um caminhão de carajás, que aderiram ao movimento. A exigência, embora a Funai creditasse apenas aos krahós, segundo fontes ligadas aos índios, é extensiva a todas as nações indígenas de Goiás. (Página 6 e Editorial)

Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular **Class.:** 34

Data: 09.03.83 **Pg.:**

Índios e Funai já próximos da paz

1983

Pode se concretizar hoje a paz entre representantes dos krahós, apinayés, carajás e xerentes e representantes da direção central da Funai, que foram a Araguaina resolver um impasse de seis dias. Agentes federais garantem as conversações, após impedir, sexta-feira passada, que 44 krahôs invadissem a Ajudância da Funai naquela cidade nortense.

As conversações foram realizadas na chácara onde os índios estão abrigados e até à tarde não havia sido registrada qualquer violência. Os índios, quase todos pintados para a guerra, querem a destituição de pelo menos quatro funcionários de Araguaina, que estariam fazendo intrigas e acusando chefes de postos em Brasília. Parte das reivindicações já tinha sido atendida. Os servidores acusados pelos índios deixaram a cidade antes mesmo da chegada dos representantes da direção da Funai.

Ontem cedo, cerca de 100 Krahôs, apinayés, carajás e xerentes já haviam chegado a Araguaina para tentar pressionar a direção da Funai a mudar seu pessoal que atua na área. À tarde, estavam sendo esperados pelo menos mais 20 xerentes, 15 apinayés e um caminhão de carajás, para aderir ao movimento deflagrado na discordância de grupos pró e contra o ex-delegado da 7ª Delegacia Regional da Funai em Goiás, Ivan Baiocchi, que se encontra com licença médica renovada por seus meses.

Fontes ligadas aos índios disseram, ontem, que apesar da Funai tentar creditar o movimento apenas aos krahós, que já tiveram conflitos anteriores com Baiocchi, ele está envolvendo todas as nações indígenas em Goiás, mesmo as que eram rivais nas suas reivindicações. A precariedade da Casa do Índio de Araguaina, que é alugada, foi apenas a gota d'água para o movimento que mobilizou índios num raio de 400 quilômetros da cidade.

FUGA

O principal responsável pelo incidente, o ajudante da Funai conhecido por Gilvan, fugiu de Araguaina assim que os índios começaram a chegar à cidade, na tarde de sexta-feira. Gilvan e sua mulher, que também é funcionária da Funai, teriam ido para o Maranhão, onde sua permanência foi oficializada anteontem pela direção do órgão em Brasília. No início do mês, Gilvan esteve em Brasília e junto a um dos diretores fez várias críticas aos funcionários e chefes de postos contrários à política indígena executada por Baiocchi. Um cacique xerente que estava em Brasília acusou os funcionários. O fato chegou ao conhecimento dos caciques de outras nações, gerando o início do conflito que poderá piorar a posição da Funai junto às aldeias, tendo em vista que da grande reunião de Araguaina poderão sair reivindicações sérias das até então consideradas obedientes à Funai.

A principal queixa dos índios é que Gilvan e outros três companheiros teriam acusado os chefes de postos da Funai, entre outras coisas, de serem traficantes de maconha e induzirem os silvícolas ao uso da bebida alcoólicas. Essas mesmas acusações foram feitas no ano passado contra antropólogos que trabalhavam em projetos agrícolas nas aldeias e que eram contrários à política de Ivan Baiocchi. No ano passado, dois de seus companheiros foram espancados e agentes da Polícia Federal tiveram suas armas apreendidas pelos krahós.

Em 1982, o presidente da Funai, coronel aviador Paulo Moreira Leal, prometeu aos índios retirar da reserva krahó todos funcionários indicados por Baiocchi. Com a mudança da delegacia para Barra do Garças e a criação da Ajudância de Araguaina, o chefe local, Antônio João, vinha protelando a transferência desse pessoal para outras regiões. Os índios cobraram diversas vezes a promessa.

Ao tomar conhecimento da posição dos índios, Paulo Leal chegou a se irritar e ditar ao chefe uma mensagem para ser passada às lideranças indígenas. "Se os índios criarem caso, diga a eles que a Funai poderá fechar a ajudância e depois se eles quiserem dinheiro que se virem" — contou o antropólogo Gilberto Azanha, que testemunhou o rádio. O mesmo antropólogo disse que depois o presidente da Funai se desculpou junto aos índios.

Os silvícolas, por sua vez, alegam que o pessoal ligado ao ex-delegado estaria explorando os índios como atravessadores de sua produção. Em Tocantinópolis, os apinayés estão sendo explorados na colheita de babaçu. O chefe de posto local instituiu "o barracão", local para guardar o coco. Depois da venda feita por ele, é cobrado dos índios uma taxa de armazenagem. Enquanto isso, a reserva dos índios não foi ainda demarcada. Em Tocantínia, as denúncias são ainda mais graves. Os índios estão passando fome, enquanto o arroz que colheram no ano passado está armazenado em depósito do órgão nas aldeias. Com isso, os xerentes estão sempre em Araguaina à procura de dinheiro. Em Araguaina, na aldeia carajá de Xambioá, o problema é outro. Em 1984, quando forem fechadas as comportas da hidrelétrica de Tucuruí, parte da reserva será inundada.